

Línguas indígenas

Gessiane Picanço
Universidade Federal do Pará

Hein van der Voort
Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI

Este dossiê sobre línguas indígenas reúne sete trabalhos selecionados da terceira edição do Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Amazônia (III CIELLA), organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, entre os dias 18 e 20 de abril de 2011. Os artigos reunidos aqui trazem uma amostra da diversidade das pesquisas na área de linguística indígena, mais especificamente, de diferentes aspectos das gramáticas de uma variedade de línguas indígenas do Brasil, pertencendo aos troncos e famílias Tupí, Karib e Nambikwára, incluindo também uma língua isolada, Aikanã. Os artigos são todos baseados em trabalho de campo recente feito pelos próprios autores e contribuem ao *corpus* crescente de estudos linguísticos indígenas em geral, com novos dados, desenvolvimentos e descobertas.

Os primeiros quatro artigos deste dossiê têm como foco principal os aspectos fonológicos. O artigo inicial, "Aspectos do sistema fonológico de Arara (Karib)", de Ana Carolina Ferreira Alves, resulta da dissertação de mestrado da autora sobre a fonologia Arara, com base em novos dados de campo, principalmente do dialeto da aldeia Cachoeira Seca do Iriri. O quadro de segmentos fonêmicos é revisado à luz de discussões fomentadas por um maior volume de dados e interações morfofonológicas, assimilação sendo o processo principal. Fenômenos anteriormente não descritos no dialeto, como o ablaut e a elisão, são também apresentados.

Gessiane Picanço, Fabíola Azevedo Baraúna e Alessandra Janaú de Brito assinam o artigo "Similaridades fonéticas e fonológicas: exemplos de três línguas Tupí". Este artigo apresenta os resultados de pesquisas realizadas com Asurini do Xingu, Mundurukú e Wayampi. São examinadas as principais diferenças nas realizações fonéticas de três categorias de consoantes: as oclusivas /p, t, k/, as nasais /m, n/, e a vibrante simples /r/. Embora esses segmentos sejam semelhantes do ponto de vista fonológico, cada língua implementa suas consoantes de maneira particular.

O artigo de Stella Telles, "Traços laringais em Latundê (Nambikwára do Norte)", trata do *status* dos traços laringais na língua Latundê, da família Nambikwára. Após apresentar os quadros fonológicos da língua, a autora investiga a realização dos traços de glotalização e aspiração em consoantes, o contraste do traço de *creaky voice* (laringalização) nas vogais e, em seguida, considera a variação laringal. Além dos dados coletados no campo pela autora, considera-se também a literatura disponível sobre outras línguas da família, particularmente o Mamaindê, uma língua Nambikwára do Norte. Os resultados evidenciaram que, no Latundê, as consoantes neutralizaram os traços laringais, enquanto que as vogais os mantêm contrastivamente. Isso sugere que, com respeito à mudança linguística, o Latundê é mais inovador que o Mamaindê.

No artigo "Arte verbal e música na língua Gavião de Rondônia: metodologia para estudar e documentar a fala tocada com instrumentos musicais", Julien Meyer e Denny Moore levantam a questão da relação entre as melodias tocadas e a fonologia suprasegmental das palavras correspondentes na fala cantada e na fala normal em Gavião de

Rondônia (Tupí). A forma cantada da língua é influenciada pelos recursos fonológicos da forma falada e pelos recursos musicais da forma instrumental, sendo intermediária entre as duas. Esta arte é executada com vários instrumentos musicais tradicionais: uma flauta, uma dupla de arcos de boca ou um conjunto de três tabocas de bambu, e representa um patrimônio sociocultural da Amazônia, pouco estudado e ameaçado de extinção. Os autores usaram uma metodologia original para documentar o fenômeno no campo, explicada no artigo. A análise linguística revela uma relação de iconicidade acústica existente entre as palavras e a música, o que aprofunda o entendimento da natureza fonética e fonológica da iconicidade.

Os três últimos artigos do dossiê tematizam mais especificamente questões relacionadas à análise gramatical. O artigo de Antonia Fernanda de Souza Nogueira, “Descrição e análise do prefixo {e-} INTR da língua Wayoro (Ayuru, tronco Tupí)”, apresenta evidências de que o prefixo {e-} da língua Wayoro expressa intransitividade de verbos, e pode ser associado a propriedades de sentenças anticausativas, reflexivas e médias. Em várias línguas do mundo, estes valores podem ser expressos por um único morfema intransitivizador. Em Wayoro, os verbos intransitivizados por {e-} podem apresentar valor anticausativo, quando o sujeito do verbo intransitivizado é [- animado], ou valor reflexivo, quando o sujeito do verbo é [+ animado]. Os verbos com prefixo {e-} inerente têm propriedades relacionadas à voz média.

No artigo “Aspectos da modalidade epistêmica em Tapirapé”, Walkíria Neiva Praça apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os recursos da língua Tapirapé (Tupí) para codificar fonte e confiabilidade da informação. Diferentemente do português e de outras línguas que empregam significados lexicais para discriminar fonte da informação, verifica-se que, no Tapirapé, a modalidade epistêmica é expressa por meio de partículas que ocupam a segunda posição na sentença, e que também podem expressar tempo, observando-se que a indicação temporal é imbricada com a modalidade. Diferentes partículas que transmitem o mesmo posicionamento do falante em relação ao conteúdo informacional proferido assinalam diversos tipos de tempo.

Hein van der Voort, no artigo “Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã”, mostra que, no Aikanã (língua isolada), a expressão do tempo futuro verbal sempre envolve dois marcadores pessoais no verbo. No nível da gramática, estes marcadores (sufixos ou prefixos) correspondem em número com o sujeito do verbo, mas não necessariamente em pessoa. No entanto, no nível do discurso, os marcadores correspondem em pessoa. A explicação desta construção foi facilitada por línguas vizinhas, nas quais construções parecidas são gramaticalmente transparentes como construções citativas.

Agradecemos aos autores que colaboraram conosco para manter a qualidade deste dossiê, aos pareceristas que revisaram os artigos submetidos e aos editores do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. Este dossiê foi organizado por Gessiane Picanço (Universidade Federal do Pará), Hein van der Voort (Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI) e Marília Ferreira (Universidade Federal do Pará).

